

# O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 7.

ABRIL 1.

1856.

## MURMURIOS.

POR

AUGUSTO LIMA.

III.

Collocarmos o auctor dos *Murmurios* na plana das nossas realidades litterarias; inscrever o seu nome entre o dos snrs. Garret, Herculano e Castilho, os tres caudilhos da litteratura portugueza d'este seculo, era por certo lisonja ridicula, que o proprio poeta engeitaria com as faces purpureadas pelo rubor do pejo, deste pejo natural ao homem de talento, que detesta a baixaza.

Porem, não tribular homenagem ao merecimento incontestavel do snr. Lima; negar-lhe um logar ao lado de João de Lemos, de Mendes Leal, de L. A. Palmeirim, de Antonio de Serpa e d'outros mancebos, que abrihantam as paginas da historia litteraria contemporanea, seria faltar a um dever, offender o talento, renegar a posição imparcial de critico consciencioso.

Não escreveremos um capitulo fastioso de minuciosas censuras contra o poeta. Não estamparemos no poste da critica leves imperfeições, de que deve ser expurgada a segunda edição, porque na primeira, alem do frequente da elisão das vogaes, defeito que já lhe notou o Snr. D. Sinibaldo de Mas (1), apparecem tambem alguns gongorismos, inexatidão em certas imagens, e desigualdade por vezes no pensamento. Não o deixamos de fazer, por que o snr. Lima careça da benevolencia ridicula d'um Aristharco... de pro

(1) Referimo-nos ao artigo publicado no 5.º n.º da *Revista Peninsular* sobre os *Murmurios*, no qual alem da bella prosa do snr. D. Sinibaldo de Mas, o auctor da memoria intitulada *A Iberia* vem alguns dos versos do snr. Lima primorosamente vertidos em hispanhol pela *Georg Sand* da peninsula, a snr.ª D. Gertrudes Gomes de Avellaneda.

vincia. Tal ideia, da nossa parte, seria stulta — A razão é outra, e muito differente.

Na opinião de *Gustave Planche* ha tres modos de julgar a poesia — Temos a critica retrospectiva, admirativa e prospectiva. A primeira é a que, sacudindo o pó das bibliothecas, procura no passado um typo por onde possa avaliar a obra, que se offerece em holocausto ao seu odio pelo presente. A segunda é a critica das belezas, cujo unico fim é apresentar-se entre o publico e o poeta, explica-lo, e revelar todas as belezas, que este encerra debaixo d'um involucro modesto. A terceira é a que não só explica o presente pelo passado, mas tambem interroga o futuro, discutindo o fim a que a obra se propõe.

Nós votamos, a respeito de certos poetas, pelo segundo d'estes methodos. Eis a razão porque não censuramos o snr. Lima.

Quando havemos de trocar, dizia *Chateaubriand*, a critica mesquinha dos defeitos pela critica secunda das belezas? E porventura não é grandiosa a missão d'esta critica? Illustrar o povo; inicia-lo nos mysterios da poesia; conduzi-lo pelo sentimento á reflexão, ao estudo, á analyse, á creação enfim d'uma litteratura puramente sua, será objecto de pequena transcendencia? A ideia da litteratura popular, ideia que só por si nobilita o seculo 19, não envolve acaso uma questão das mais palpitantes, não importa a solução dos mais vitaes problemas?

Nas poesias do snr. Lima não ha, o que raro se encontra; harmonia sómente, ha tambem fluidez e melodia; não ha só o apropriado da phrase, ha tambem a muzica do metro, que são cadente ao ouvido.

E' sobretudo nas quadras, que brilha o seu talento lyrico — *Sé feliz*, *O Crepusculo*, *A felicidade*, *O beijo restituído*, *Que pedes*, e outras poesias, são clara prova do que dizemos. Entre as quadras que mais nos agradam pela cadencia do verso e pela singeleza da ideia, são aquellas, que o poeta escreveu no album da snr.ª condessa das Antas.

Permitta-se-nos transcrever aqui as quatro primeiras.

Na frente do nobre, valente soldado,  
 Coberta dos loiros, que ceifa o valor,  
 Faltava uma rosa colhida no prado,  
 No prado formoso das rosas d'amor.

Faltava, não falta; na c'roa virente  
 Lá vejo entre-aberto virgineo botão  
 Que ao viço das palmas da espada valente  
 Da novo realce na doce uniaõ.

Feliz o guerreiro, que soube colhe-la!  
 Ditosa a florinha que a espada lhe ornou!  
 Ditosa mil vezes que a rosa tão bella,  
 Córada entre os loiros, mais bella ficou!

E foste, senhora, vós fostes a rosa  
 Que altivo o soldado valente colheu...  
 Felizes, contentes, na terra espinhosa  
 Não tendes um erro, sorri-vos um ceu!

Nos *Murmurios* apparecem alguns trechos  
 da mais delicada sensibilidade — Como speci-  
 men damos o seguinte: *A' Lua*.

Que infeliz é que não sente  
 Precisão d'um confidente  
 Sempre discreto, indulgente  
 Como só tu sabes ser!

Qual é a c'roa espinhosa  
 A que não das uma rosa?  
 Qual é a dor venenosa  
 Que não vens adormecer?

Quem ha, ó candida lua  
 Que um segredo não possua,  
 E que a alma toda nua  
 Não precise de mostrar?

Quem ha que soffra calado  
 Sem vir de noite isolado  
 Arrancar do peito um brado  
 E contigo conversar?

*Infancia e miseria* é tambem uma das  
 mais bellas poesias do snr. Lima, tanto pelo  
 pensamento que a inspirou, como pela forma  
 que o traduz.

O quadro que appresenta é um quadro  
 de melancolica miseria e de pungente soffri-  
 mento, em que a nossa sociedade tristemen-  
 te se daguerreotypa — Porem a sociedade  
 em que co-existimos, sociedade de barões,  
 de galopins eleitoraes e d'agiotas, socie-  
 dade torpemente cubicosa e sordidamente  
 egoista passa e não repara; e quando mesmo  
 tropeça no cadaver d'algum pobre, se a dor lhe

aperta o coração, á noite, o tripudiar da  
 bachanal adormece a fibra do sentimento, vi-  
 brado pela sensação do dia!!

O snr. Lima sente vitamente não ter  
 a piqueta de Raphael, Rubens ou Apelles,  
 não manejar o escopro de Canova, para dese-  
 nhar no pinco ou ciselar na pedra esse gru-  
 po eloquente, que elle, um dia, viu.

Eram tres creancinhas — todas tres abra-  
 çadas — dormindo sobre os degraus d'um thea-  
 tro o somno da infancia e do desalento (2).  
 O frio e a fome haviam-lhes cerrado as ten-  
 ras palpebras.

Como eram já sombrios, macilentos,  
 Aquelles infantis, serenos rostos,  
 Onde a vida em botão abria a custo,  
 Como a flor que desponta em plaga estranha!  
 Nas pallidas feições como se liam  
 De um precoce soffrimento os negros traços!  
 Como a livida fome lhes roubava  
 O placido sorriso da innocencia!

Dormiam todas tres, que meigo somno  
 O veneno da vida lh'adoçava!  
 Como em cada feição se via impresso  
 O benefico olvido da existencia!  
 Irmãs no sangue e na desgraça gemeas  
 Embaladas talvez no mesmo berço,  
 Dormiam todas tres na mesma pedra  
 Igual somno de infancia e desconforto!

Eu vi aquelle grupo! era formoso  
 De soffrimento e graça; illuminava-o  
 De um estranho fulgor a magestade  
 Sinistra, mas augusta, da miseria!  
 Eu vi aquelle grupo; Assim não visse  
 N'aquelle estreito quadro a negra historia  
 De muitas gerações... assim não le-se  
 Teu pungente epigramma, ó sociedade!

#### IV.

Deixemos agora os *Murmurios*, para  
 dizermos alguma cousa sobre duas poesias que  
 tem de fazer parte dos *cantos civicos*, os quaes  
 ainda não viram a luz da publicidade.

O snr. Lima no meio das decepções do  
 seu amor não se esqueceu da sociedade, que  
 gemia no leito da morte.

Ouiu os pelouros das bombardas do povo  
 estalarem debaixo do bello ceu d'Italia, e o  
 seu coração estremeceu de alegria. Viu o es-

(1) Parece, que o snr. Lima encontrou este  
 grupo, quando uma noite sahia do theatro de  
 D. Maria, em Lisboa — *Ecco dos Operarios*  
 n.º 12.

tandarte da democracia italiana desfraldado ao vento da revolução, e os seus labios sorriram de jubilo.

Mas aquelle estandarte arvorado em Milão por entre nuvens de metralha sumiu-se nas vagas do despotismo austriaco; mas aquelle horisonte tão seductor anuviou-se com uma tempestade medonha, e o seu coração cobriu-se de tristeza, anuviou-se tambem — Ouviu depois repercutir-se d'echo em echo, de valle em valle, de monte em monte, os gemidos lugubres dos martyres, que expiravam sobre o campo da batalha trespassados pelas baionetas da tyrannia, e as lagrimas comprimidas no coração rebentaram-lhe dos olhos e correram-lhe a fio nas faces abrazadas pela dôr, crestadas pelo sentimento —

Mas a fé no futuro estancou-lhe as lagrimas, e o poeta, como inspirado, brada:

Eia avante, Italia, avante  
Desde o Adige até ao Pó  
Haja um pendão tremolaute  
Um brado se escute só:  
Cada cabana da serra  
Seja um castello de guerra,  
Em cada palmo de terra  
Haja uma luta sem dô!

Ha ainda outra poesia do sr. Lima, cujo merecimento excede tudo o que se possa dizer.

*Torres Vedras* não é uma simples poesia; é uma pagina da historia contemporanea, escripta com a imparcialidade do verdadeiro historiador. O sr. Lima nem tece coroas de loiro para a fronte dos vencedores, nem cospe injurias na face dos vencidos. O poeta elevou-se acima de todos, collocou-se ao lado da patria, e de lá vibrou um anathema sobre vencedores e vencidos, porque d'ambos os lados tremulava o pendão lusitano, porque n'uma e n'outra fileira pulsavam corações portuguezes, porque em todas as veias girava sangue d'irmãos, sangue precioso, que a hydra sedenta e asquerosa da guerra civil tem bebido a longos tragos.

Nós não queremos avivar feridas, que ainda sangram. Respeitamos todas as crenças, mas recordando-nos d'essa pagina, tarjada de lucto, e escripta com caracteres de sangue e de fogo, não podemos deixar de bradar como o poeta:

Quaes são criminosos? quaes são que peccaram?  
Quem é que merece perdão ou rigor?  
São todos culpados, que todos rasgaram  
as Eranhas da patria sem pejo nem dor!

O enthusiasmo que o sr. Lima inspirou, encetando este genero de poesia, deve ser um estimulo para que dê quanto antes á imprensa os *cantos civicos*, cuja publicação todos esperam anciosos.

O poeta, quando a patria lhe pede um hymno, quebra a lyra do amor.

*Torres e Almeida.*

TEMOS a satisfação de dar hoje uma boa nova aos assignantes do *Murmurio*.

E' a distincta collaboração d'um nosso amigo, encetada pelo bello artigo que abaixo publicamos. E' um manucebo, que, no verdôr dos annos ainda, podem já as lettras patrias gloriarem-se com razão de o contar no seu gremio.

Sentimos amargamente, que elle nos prohibisse por ora de transmittir o seu nome aos leitores do *Murmurio*, o seu nome aliás já bem conhecido no pulpito e na imprensa: comtudo temos a esperanza de que o conseguiremos em breve.

O nosso amigo começa a sua collaboração por alguns artigos sobre gallicismos. Com effeito, o assumpto não podia ser mais bem escolhido.

Os gallicismos tem sido ha muito, e são ainda infelizmente a gangrena da nossa lingua.

Quando os Filipes nos roubaram a nossa independencia, e de envolta com ella as nossas riquezas e bibliothecas, a degeneração litteraria tornou-se completa.

E' verdade que o bom gosto do seculo quinhentista já tinha soffrido uma alteração sensivel nos escriptores do primeiro quartel do seculo 17.<sup>o</sup>, contudo a perda total da pureza da nossa lingua só teve logar depois da perda das nossas liberdades.

Foi então, que uma adulação servil fez até muitas vezes preferir ao idioma patria, a lingua dos vencedores, e que em vez do bom gosto do seculo de quinhentos, reinou um estylo contrafeito, exagerado, cheio d'uma sublimidade affectada, e de trocadilhos de palavras.

Os gongorismos tornaram-se o gosto dominante, e Gongora não só es-

tragon a sua lingua; mas tambem a nossa, com as suas metaphoras atrevidas, e outros falsos ornatos.

O mau gosto predomina então por toda a parte, e D. Violante, que não contribuiu pouco para a decadencia das nossas lettras, com a extravagancia do seu estylo, tem admiradores, que procuram imital-a!!...

O dia 1.º de Dezembro de 1640, o dia glorioso da restauração revindicou-nos os foros da nossa independencia; mas não pôde restituir-nos a pureza da nossa lingua. O mau gosto estava muito inveterado, e era necessario para vencel-o, uma reacção longa e energica.

E' assim que a nossa litteratura continúa languida até meiado do seculo 18.º, e a Academia d'Historia fundada por D. João 5.º em 1720, conclue inutilmente os seus trabalhos!

Os *francelhos* como Phylinto lhes chamou, esqueceram a grammatica, e todas as fontes do bom gosto para sacrificarem tudo aos gallicismos, que vieram substituir os trocadilhos.

As cousas estavam neste estado, quando finalmente, em 1750 sobe ao throno D. José 1.º, e seu celebre ministro o marquez de Pombal, dando novo impulso á nossa civilisação, prepara o renascimento das lettras.

Em 1756 finda-se a Sociedade, dos Arcades e os seus membros procuram estudar os authores do seculo d'ouro da nossa litteratura, diffundir o gosto dos seus escriptos, expurgar os gallicismos da linguagem pura e genuina.

Esta sociedade dissolve-se em 1773, mas sete annos depois é bem substituida.

Em 1780, reinando já a Senhora D. Maria 1.ª, é creada a Academia Real das Sciencias, pelos esforços do Duque de Lafões, e todos sabem os valiosos serviços que elle nos prestou entre os quaes avulta o de haver publicado uma infinidade de livros que d'outra sorte, não teriam visto a luz do dia, e cuja lista se acha nas suas Memorias.

Muitos homens se esforçaram então para restituir á lingua a sua antiga pureza do seculo d'ouro, reformando a nossa litteratura.

Entre os primeiros podemos contar Correa, Garção, Antonio Diniz da Cruz, Reis Quita, e outros; mas aquelle que teve sempre a peito, e fêz os maiores esforços por combater os gallicismos foi sem duvida Francisco Manoel do Nascimento.

A sua paixão pela antiguidade, e o seu gosto pelo estylo do seculo quinhentista até ás veses se torna exagerado.

Contudo apezar dos esforços seus e dos de muitos outros, o mal não pôde ser inteiramente curado, e os gallicismos continuaram a viciar a lingua, e continuam ainda, talvez em muito maior escala, por essa nova mania dominante de traducções bastardas e mixtas.

O nosso amigo, pois, combatendo esse vicio estragador da boa linguagem, entendemos que faz um grande serviço ás lettras patrias, e os leitores do Murmurio — verão pelo decurso dos artigos se temos ou não razão de chamar boa nova á nova que lhe annunciamos.

*João Joaquim d'Almeida Braga,*

## DUAS PALAVRAS SOBRE GALLICISMOS.

Gloria, gratidão e amor aos que, por si e pelos outros, procurarem repor a nossa lingua — e mais poderosa e senhoril — no throno donde rebeldias de mandriões affrontosamente a derrubaram.

A. F. De Castilho.

### I.

Depois dos seus grandes feitos de gloria que assombraram o mundo, e apressaram a civilisação moderna, os portuguezes, tomando consciencia da sua elevação politica foram naturalmente levados, por uma lei da historia, a dar á litteratura patria as feições gloriosas da sua grandeza. Em seguida aos guerreiros esforçados e dignos de eterna fama que sublimaram o nosso nome por terras desconhecidas, appareceram logo escriptores illustres que, pelas suas immortaes obras, em que á elegancia e pureza do estylo não cede a nobreza dos conceitos, merecem occupar um logar distincto, ao la-

do dos classicos mais admirados das outras nações. A nossa lingua tornou-se uma das mais ricas, mais sonoras e mais bem polidas. Tinhamos tocado o apogeu da nossa grandeza; era natural que as letras florescessem então, e de feito floresceram d'uma maneira tão brilhante como rapida; mas infelizmente parece que ellas não adquiriram tão grande brilho senão para tornar mais sensivel e mais sentida a nossa quêda. Os *Lusiadas*, nobre esforço do genio portuguez, foi já um monumento eterno erguido com tempo á nossa gloria que ia obscurecer-se. Quando Camões, representando o patriotismo infeliz e prostrado, proferia no leito da morte aquellas palavras memoraveis: *Morre a patria, mas ao menos eu morro com ella!* a estrella do nosso destino acabava com effeito de eclipsar-se, e uma epocha de mais doloroso abatimento ia principiar para aquelles que pouco antes faziam tremer sob os seus pés os polos do mundo!

A litteratura, vendo-se desamparada, não tardou que se não rojasse em volta do sepulchro das nossas glorias, e acabou emfim por corromper-se e *tresvariar*. Todos conhecem o triste periodo da nossa historia litteraria, que tão ridiculo monumento nos deixou uma *Phoenix renascida*, e em que figurou uma freira escrevendo — *Parnassos de divinos e humanos versos!*

Pelos principios do seculo XVIII começou d'algum modo a restauração da nossa litteratura. Como era de suppôr, os livros francezes tornaram-se a principal materia de estudo, e, estando profundamente enraizado o mau gosto, ao mesmo tempo que não era convenientemente sabia e energica a direcção dos estudos, não foi difficil introduzirem-se na nossa linguagem alguns gallicismos (1) sem que por isso o disforme monstro do gongorismo desoccupasse inteiramente o campo das letras. Mais tarde ao brado d'um nosso benemerito sabio (2) travou-

(1) Chama-se gallicismo toda a palavra ou phrase avessa ao genio da nossa lingua, introduzida violentamente do francez por escriptores pouco accurados no seu modo de dizer.

(2) Luiz Antonio Verney, sabio dos mais sabios n'aquella epocha em que mais tivemos,

se uma porfiosa batalha entre os illustraos reformadores do bom gosto litterario e os jarrertas aferrados á rotina antiga, batalha de grande proveito para as letras que por fim cessou aos golpes desapiedados do Marquez do Pombal. Levantou-se por este tempo a sociedade dos Arcades, á qual na verdade são as nossas letras devedoras de mui valiosos serviços. Bastante laboriosa e util, e bem que não tanto quanto cumpria e era de esperar, se mostrou tambem a Academia real das sciencias que lhe succedeu, entre cujas obras occupa um dos primeiros lugares o sabio dictionario chamado *grande* que, se fosse completo, seria um preciosissimo thesouro para a nossa litteratura, não obstante ainda quaesquer defeitos. Infelizmente por triste sorte que teem as obras da nossa terra! — os seus laboriosos e mal afortunados começadores deixaram-no em *Azurrar*, e assim ficou até hoje.

auctor de muitas e preciosas obras, em que se revela bom juizo, tacto philosophico despreocupado, e um gosto verdadeiro mui acima do que era seguido entre nós por esse tempo. Foi o homem que mais concorreu para a reforma dos nossos estudos no meio do seculo passado. Assim o diz um nosso sabio humanista, ha pouco fallecido, que delle escreveu o seguinte. « Para este fim (a reforma do methodo *alvaristico*) concorreram notavelmente os escriptos de L. A. Vernei, um dos maiores ornamentos da egreja e da nação portugueza, insigne philosopho, philologo e latinista, varão distincto por seus solidos conhecimentos, e por aquella critica util que não se contenta de indicar os erros, mas passa a mostrar como as coisas se devem melhorar com acerto. Os antigos methodos atacou elle solida e engraçadamente no *Verdadeiro Methodo de Estudar*, Valensa 1717, 2 vol. 4.º, obra que excitou tal commoção nos partidarios das opiniões antigas, que contra ella se publicaram as *Reflexões epologeticas* de Fr. Arsenio — *Resposta ás reflexões do P.º Fr. Arsenio* — *Conversação familiar e exame critico*. — Severino de A. Modesto (Vernei toma o nome de Barbadinho). E' escusado dizer que o merecimento destas obras, nas quaes se vê atacado o methodo de Vernei, é o mesmo que o d'aquellas em que se tracta de sustentar absurdos e eclipsar a verdade. »

Estas palavras que a cabo de copiar acham-se na *Noticia succinta dos monumentos da lingua latina e subsidios necessarios para o estudo da mesma*, por J. V. G. de Moura; obra magistral, d'uma erudição e trabalho assombroso.

Entre os poetas Arcades que se empenharam em purgar a nossa lingua da gallo-mania,

Dessa tinha que comichona afeia, O gesto airoso do idioma leso,

O que mais se distinguio foi sem duvida alguma Philinto Elisio, por outro nome — Francisco Manoel do Nascimento. Comprazo-me em apontar aqui com respeito aos jovens estudantes o nome deste grande poeta, que, no testimonho do snr. Garrett, valeu uma Academia e que mais que ninguem, se esforçou por de todo restituir a nossa lingua ao gosto apurado dos classiros antigos. Francisco Manoel será sempre nomeado na nossa historia litteraria com a maior honra e ufania: a nenhum poeta deve a lingua portugueza mais, depois de Camões (é ainda a opinião do snr. Garrett); e a poesia moderna reconhece-o como um dos seus me-

Causa dores de cabeça só o pensar nas vegalias, lucubrações e fadigas que seriam necessarias para a concluir. Mas ainda bem que possuímos livros d'estes, de causar inveja a estranhos! — O snr. J. Silvestre Ribeiro (actual conselheiro e deputado), n'uns artigos sobre Litteratura que recommendo aos estudantes a quem é dirigido este escripto, chama riquissima a obra do snr. Gomes de Moura (Revista Universal. — 1.º tomo da 2.ª serie, pag. 304); e o snr. Rivara, bem conhecido pela sua erudição e aprimorados escriptos, diz tambem della que "é uma obra preciosa que apenas anda nas mãos d'alguns curiosos, mas que dezeramos fosse lida e meditada por todos os que se dedicam ao estudo das letras (Nota 1.ª ás Reflexões sobre a lingua portugueza de Candido Lusitano.)

Quando é que os estudantes, e escriptores nobiços, se hão-de persuadir, que só em obras como esta, como as de Vernei, como as de tantos sabios auctores nacionaes e estrangeiros, é que podem colher aquelle solido saber, aquella firmeza e clareza de ideias, aquelle gosto philosophico e natural, sem o qual não ha escrever nem fallar bem, não ha mesmo pensar com acerto e rectidão? . . . Nada! Vão enfronbar-se nos romances, nos folhetins, nos escriptos impensados, onde até louvado seja Deus falta o senso commum! . . . Onde se não encontra uma ideia luminosa, um pensamento são, um raciocinio bem deduzido; onde tudo são palavras balofas, phrazes tolaemente pretenciosas, ou coisa peor do que isso — absurdos, necessidades, parvoices. E não querem que digamos que os antigos tinham ao menos mais juiso! . .

lhores lyricos, chegando a pôl-o em paralelo com o que elle chamava o seu bom Mestre Horacio.

E' admiravel, chegando até a ser excessivo por vezes, o zelo de Philinto Elisio pela pureza classica do estylo. Oppoz-se com toda a força do seu genio rigido á invasão dos francezismos, conseguindo levantar na litteratura uma reacção puritanista de que se resentiu muito o primeiro por ventura o mais bello (litterariamente fallando) poema do snr. Garrett. Esta reacção, sem acabar de todo, afrouxou algum tanto como era justo, sendo aliaz cuadjuvada por uma obra de muito proveito — *O glossario das palavras e phrases francezas etc* — obra a mais completa que temos no seu genero, a qual foi apresentada á Academia por um benemerito socio (3) em 1817.

### © ESTUDANTE.

(Continuado do n.º 5.)

A decisão d'um consilio eccumenico, não era por certo mais acatada e reverenciada, do que o arrasoado d'aquelle Mirabeau em segunda mão.

Estava decidido. Ignacio Lumieira devia ter um filho clerigo. — A senhora Benta da Maternidade, mãe do rapaz, logo que tal noticia lhe roçou pelos ouvidos, pareceu possessa; fazia cousas do arco da velha, cantava, chorava, arremedava, na força do seu endemoninhamento, um minorista entoando lugubrementemente

(3) Todos sabem do illustre escriptor a quem refiro aqui: é o snr. Fr. Francisco de S. Luiz, patriarcha-cleito de Lisboa, um dos homens que mais honra fazem aos modernos tempos. O seu *Glossario de palavras e frases francezas etc.* apenas apresentado á academia, foi logo conceituado pelo seu secretario Bonifacio d'Andrade de "obra de muito estudo e critica."

Não posso deixar de recommendar aqui a todos os jovens estudantes a quem me dirijo, que reputeem o *Glossario* por obra tão indispensavel como o dictionario da lingua.

Ha hoje um grande prurido de escrever: vêm-se crianças, ao sahir do latim ou do francez, mal instruidos em fazer o signal da cruz, pegarem da penna, e atirarem-se a escrever, como doctores. Isto, chama-lhe certa gente progresso das letras; mas eu não duvidarei dizer que pode muito bem ser *progresso de ca ranguijo*. A primeira coisa que precisa quem

o — *Quare de vulva eduxisti me*, e apresentava como corollario d'aquellas gaifonas originaes, um solemne acariciamento ao lorpa do Manoelzinho, que viria a ser o — *honra parentum*, de todas aquellas chantraes bestialidades.

O Manoelzinho devia marchar para Braga na primeira terça feira.

Benta da Maternidade, mulher esperta, e que sabia o que era necessario para um enchaval decente, principiou logo no domingo de tarde a trabalhar nelle, e honra seja feita ao desembaraço da velha, que na segunda ao sol posto, ja estava quazi completo.

O rapaz, tendo apenas dezenove annos, ja tinha trez *pares de meias*; porem como a mãe entendesse que era pouco, juntou-lhe mais dois, um della, e outro, por signal que era bordado, da irmã: pediu ao pae duas camisas: poz uns collarinhos em uma das suas; tirou os folhos a outra e juntou-as ás do *estudante*, metendo tudo dentro d'um sacco d'estopa; e pondo-lhe por cima um bom pedaço de presunto, e mais uns adubinhos, fechou o taleigo.

A primeira mala estava prompta.

Faltava a roupa de côr, porque a boa estúpides da velha entendeu, que tudo o mais que dissesse respeito a roupa branca seria superfluo; felizmente que não houve precisões de a ir pedir toda fóra. O rapaz tinha dous pares de calças, umas inclassificaveis e que lhe serviam de cotio, e outras novas de cotim, com que elle via a Deus, e dizia palavras doces ás cachopas da freguezia. A's taes calças de cutim havia o mariola do alfaiate deixado uma perna maior que outra: foi um erro d'officio como qualquer outro. Muitos conhecemos nós todos, sem serem alfaiates, bem entendido, que até *s'enganam* n'uma poetica operação de cifras. Este alfaiate, estava competentemente habilitado para em qualquer cidade dependurar á porta umas — *armas reaes*.

O pae tirou da arca de castanho, a qual

escreve é saber: disse-o o mestre Horacio, disse-o o nosso Ferreira, e dizem-uo todos os homens que tem a cabeça no seu lugar. E de todas ascoizas, que o escriptor precisa saber, a primeira é a sua lingua: é verdade tambem reconhecida por todos. Ora, como poderão essas criancas que ainda não chegaram bem ao uso da razão, que não leram um classico, que não comprehendem a philosophia da linguagem sequer, como poderão saber a sua lingua? e não a sabendo, como poderão saber a sua lingua? e não a sabendo como poderão, escrevendo ao acaso e sem tino, preservar-se da lepra dos gallicismos se ao menos não tiverem um livro como o *Glossario*, que lhes aponte os mais notaveis? . . .

Por meus, ja neste ponto ensino d'experiencia. Sei bem o que é metter-se um rapaz a escrever, sem saber como, e ás vezes (o que é muito peor) sem reflectir, sem saber o que . . .

inspiraria a Bocage algum epigramma como o do canapé, umas pantalonas azues, e cortou-lhe os *avoadouros* para as fazer mais curtas; tirou mais um colete de sarjão roxo, que servira no lucto alliviado na morte do *desejado* D. Sebastião, e teve a habilidade artistica d'improvisar um lenço para o pescoco, do forro d'uma saia de cambolim, contemporanea dos primeiros que a Persia nos importou. O bom d'Ignacio Lumieira só tinha umas botas que mandara fazer por occasião da entrada de D. Miguel; ceder estas botas era uma calamidade; isso era: ninguem o vira com ellas mais de nove veses, e ja uma occasião se indisposera com o parochio d'uma freguesia vizinha, por lhas não querer emprestar. Eram umas botas antigas, historicas e de mais a mais de recordações; porem como os paes desejam o melhor para seus filhos, lá as sacrificou, que foi como quem lhe tirou um dente da boca ás raizames plantas do seu dilecto filho. Como não houve tempo bastante para dependurar um casaco nas costas do Manoelzinho, um visinho provisoriamente cedeu o seu, que era todo uma habilitação a batina de cura d'almas. Em quanto a chapeu estava o rapaz bem servido, porque o pae antevendo-lhe o futuro brilhante, comprara um em segunda mão, por seis tostões e meio.

Digam lá que faltava alguma cousa para um vestido completo, simples, e de mais a mais com pretensões a — vestido á côrte! — Este enchaval era o bastante para um aspirante a — padre d'aldeia. —

Passaram-se mais algumas horas em fazer e desfazer *arranjos*, até que o sino da freguesia ja tocara ás Ave Marias, e ainda se não cogitava d'arranjar uma burra para o estudante entrar altaneiro, como um imperador romano, na cidade das frigideiras e chapeus grossos. Ainda bem que não foi necessario para fusar muito.

O moleiro, bom homem e que não era dos mais ladrões, tinha um jumento e emprestou-o com a melhor vontade, pedindo desculpa do seu burrinho não ter freio: felizmente, porem, esta falta não era d'absoluta urgencia, porque o rapaz não ia entrar em torneios e justas, e nem podia ainda ter pretensões a condecorar o *ginete* com o pomposo nome d'*Incitato*, como lá nos bons tempos fez o imperador Caligula; e de mais a mais o jumento era pacifico e sosegado, e apenas se lhe conhecia o pequeno defeito de parar onde houvesse pasto, e sendo *verde* melhor; porem o rapaz saindo cedo tinha tempo bastante de chegar *medio sole* á patria de Catania.

Estava tudo perfeitamente destinado para a partida. Chegaram as horas de ceia, e todos trataram de se assentar em roda da lareira. Cearam muito bem, graças a deus, e quando tocava ás — *almas*, ja toda aquella santa gente estava no fim do primeiro somno.

A mae fantasiando dourados castellos no

ar, e antevendo a mitra, que de futuro en- giria a cabeça do seu filhinho, amarrotava com amiadados cotovelões as costelas do Lumieira, que ressonava como um porco de sêva.

A penas a namorada de Thilão, desolou os esmaltados portões do seu magico palacio, como diria em prosa um poeta arcadico, e que eu creio que em linguagem comesinha quer, dizer — aurora —, immediatamente a huma- nidade do Manoelzinho se pespegou sobre o al- bardão, e dizem até, valha a verdade, que montara do lado direito, o que não é d'admi- rar porque o rapaz tinha soffrivel inbocadura para beduino.

A mãe acompanhada d'alguns visinhos que na vespora convidara para assistirem mel- ancholicos á despedida, entre gritos arranca- dos ao ultimo escaninho do coração, brada- va — ei-lo lá vae!... e os consternados visi- nhos, intoando lugubrememente a uma voz, re- petiam do fundo d'alma = ei-lo lá vae! .... e o Manoelzinho ora aparecia, ora desaparecia pelos torcicolos eatalhos, que o conduziam pa- ra longe do ninho paterno. Deixa-lo ir, que vae entretido a contar o dinheiro que a sua gente lhe dera, e que orçava a seis pintos e meio. Verdade seja que o rapaz como bom filho que era, ao desprender-se dos braços da mãe chorava como uma vide; e a não ser a coragem do Fiusa, não sabemos como o nego- cio correria, porque a mãe estava de todo... maguada, e o filho completamente estúpido.

F. Castiço.

(Continúa).

#### CHARADA.

Como simples adjectivo,  
Nome sou mui trivial;  
Como chefe antigamente,  
Tive poder colessal!...

A' frente d'illustrada Companhia,  
Fui mais que general, fui mais que rei!  
Sem exercitos ter, sem ter soldados,  
Grande parte do mundo avassallei. —

Trajando negro vestido,  
Porque tal côr adoptei;  
N'am sensível coração  
Ecco sempre encontrarei. —

Dos harmonicos sons da Orphêa lyra  
O primeiro sou — eu que encêta o'spaço;  
E, sendo entre os mortaes um sentimento,  
No rosto me dezentio a vivo traço. —

#### CONCEITO.

De crimes carregado, foragido,  
Nos campos d'alem-Tejo eu divagava  
Quando d'Affonso a espada vencedora  
O imperio sarraceno conquistava. —  
Malgrado a crimes taes dentro no peito  
Um luso coração sempre guardei,  
Que me incitou a um Feito nunca feito,  
Com que a honra perdida resgatei. —  
E qual o Feito foi, qual a façanha,  
Tu *Lib'ralitas Julia* dizer podes,  
Pois que com *elle* tanto te ufanaste,  
Que, por ARMAS, o Busto me tomaste!.

A. P. d'Araujo

#### EXPEDIENTE.

O *Murmurio* publica-se no dia 1.º e 15.º de cada mez.

Preço da assignatura — por anno 960 — com estampilhas 1080. Por semestre 480 — com estampilhas 540. — Trimestre 240 — com estampilhas 270 — avulso 50 reis.

Este jornal assigna-se no Porto, em casa do illm.º snr. Apparicio Augusto da Cunha Sam- payo, rua das Flores.

Em Vallença na casa do illm.º snr. An- tonio José do Cruzeiro Seixas, rua Nova, n.º 21.

Em Villa do Conde na casa do illm.º snr. José Antonio da Cunha, rua de S. Bento.

Rogamos aos snrs. assignantes de fora da cidade que se acham em debito a esta redacção tenham a bondade de mandar satisfazer, pelo seguro do cor- reio ou por onde melhor lhes convnha. E n'aquellas terras onde temos cor- respondentes se derijam a elles.

O escriptorio do *Murmurio* mu- dou-se para a rua do Anjo, n.º 7, aon- de se acha aberto, todos os dias não santificados, desde as 9 horas da manhan até ao meio dia.